

## Cartografia dos afetos sobre o tratamento precoce, na *timeline* discursiva no Facebook, durante o primeiro ano da covid-19

### Cartography of affections about early treatment, in the discursive timeline on Facebook, during the first year of covid-19

### Cartografía de afecciones en torno al tratamiento temprano, en la línea de tiempo discursiva en Facebook, durante el primer año de covid-19

Marcela Tessarolo<sup>1,a</sup>

[marcela.tessarolo@gmail.com](mailto:marcela.tessarolo@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0002-5466-1619>

Joana Ziller<sup>1,b</sup>

[joana.ziller@gmail.com](mailto:joana.ziller@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0002-3150-1567>

Fábio Malini<sup>2,c</sup>

[fabiomalini@gmail.com](mailto:fabiomalini@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0002-2405-9109>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Comunicação Social. Vitória, ES, Brasil.

<sup>a</sup> Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>b</sup> Doutorado em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>c</sup> Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo cartografar os afetos sobre o tratamento precoce contra a covid-19, na *timeline* discursiva no Facebook. Para isso, partimos de revisão teórica sobre o cenário comunicacional na sociedade da plataforma, estudamos os afetos medo e esperança e a sociedade da desinformação. Coletamos em páginas e perfis públicos, no Facebook, as palavras “tratamento and precoce”, via CrowdTangle, no período de 29 de junho a 8 de julho de 2020, e analisamos os atores e as narrativas com mais engajamento. Políticos (38%), empresas de mídia (26,7%) e páginas de ativistas de direita (12,7%) foram os atores com mais engajamento no período. Houve disputa de significado do termo “tratamento precoce”. Para muitos, denotava esperança de cura. Para outros, uma afronta à ciência, uma promessa de cura sem respaldo em estudos científicos.

**Palavras-chave:** Afetos; Tratamento precoce; Covid-19; *Timeline* discursiva; Facebook.

## ABSTRACT

This article aims to map the affections about early treatment against covid-19, in the discursive timeline on Facebook. To do this, we start from a theoretical review of the communication scenario in the platform society, we study the affects of fear and hope and the disinformation society. We collected from public pages and profiles, on Facebook, the words “treatment and precocious”, via CrowdTangle, from June 29th to July 8th, 2020, and analyzed the actors and narratives with the most engagement. Politicians (38%), media companies (26.7%) and right-wing activist pages (12.7%) were the actors with the most engagement in the period. There was a dispute over the meaning of the term ‘early treatment’. For many, it denoted hope of healing. For others, it is an affront to science, a promise of a cure without support in scientific studies.

**Keywords:** Affections; Early treatment; Covid-19; Discursive timeline; Facebook.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo mapear los sentimientos sobre el tratamiento temprano contra el covid-19, en la línea de tiempo discursiva en Facebook. Para ello, partimos de una revisión teórica del escenario de la comunicación en la sociedad de plataformas, estudiamos los afectos del miedo y la esperanza y la sociedad de la desinformación. Recopilamos de páginas y perfiles públicos, en Facebook, las palabras “tratamiento y precoz”, a través de CrowdTangle, del 29 de junio al 8 de julio de 2020, y analizamos los actores y narrativas con mayor engagement. Los políticos (38%), las empresas de medios (26,7%) y las páginas activistas de derecha (12,7%) fueron los actores con mayor participación en el período. Hubo una disputa sobre el significado del término “tratamiento temprano”. Para muchos, denotaba esperanza de curación. Para otros, es una afrenta a la ciencia, una promesa de cura sin sustento en estudios científicos.

**Palabras clave:** Afectos; Tratamiento temprano; Covid-19; Línea de tiempo discursiva; Facebook.

---

## INFORMAÇÕES DO ARTIGO

### Contribuição dos autores:

Concepção ou desenho do estudo: Marcela Tessarolo, Joana Ziller e Fábio Malini.

Coleta de dados: Marcela Tessarolo, Joana Ziller e Fábio Malini.

Análise de dados: Marcela Tessarolo, Joana Ziller e Fábio Malini.

Interpretação dos dados: Marcela Tessarolo, Joana Ziller e Fábio Malini.

Todos os autores são responsáveis pela redação e revisão crítica do conteúdo intelectual do texto, pela versão final publicada e por todos os aspectos legais e científicos relacionados à exatidão e à integridade do estudo.

**Declaração de conflito de interesses:** não há.

**Fontes de financiamento:** não houve.

**Considerações éticas:** não há.

**Agradecimentos/Contribuições adicionais:** não há.

**Histórico do artigo:** submetido: 19 dez. 2023 | aceito: 19 set. 2024 | publicado: 19 dez. 2024.

**Apresentação anterior:** Artigo derivado da tese Cartografia dos afetos na covid-19 a partir das timelines discursivas no Facebook, de Marcela Tessarolo, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com defesa realizada em 2022. A tese teve orientação de Joana Ziller e coorientação de Fábio Malini.

**Licença CC BY-NC atribuição não comercial.** Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

## INTRODUÇÃO

A pandemia da covid-19 no Brasil foi marcada por disputas de narrativas que amplificaram as controvérsias nas plataformas de mídias sociais e polarizaram dois grupos: um que propagava narrativas que seguiam as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e outro, do qual fazia parte o então presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, que sustentava que o país não podia parar e exaltava medicamentos sem comprovação científica como prevenção para a doença. Bolsonaro é um político de extrema-direita, eleito em 2018, que minimizou a gravidade da pandemia durante os anos de 2020 e 2021, assumindo posições de desvalorização do conhecimento científico.

Bolsonaro foi defensor ferrenho da cloroquina como tratamento contra a covid-19 e chegou a exibir uma caixa do medicamento a seus apoiadores, em frente ao Palácio da Alvorada, no dia 19 de julho de 2020. O medicamento não tinha comprovação científica para esse fim e, até hoje, não tem. Em 7 de julho de 2020, quando anunciou que havia contraído covid-19, Bolsonaro repetiu 17 vezes o nome do medicamento em uma *live* transmitida pelo YouTube (Correio Braziliense, 2020), em atitude negacionista em relação à doença.

Dessa forma, uma das disputas narrativas que marcaram o primeiro ano da pandemia da covid-19 no Brasil foi a controvérsia acerca do tratamento precoce. Cloroquina, ivermectina e azitromicina formam o *kit* covid, chamado de tratamento precoce, esperança na pandemia. Na bula, tais fármacos são indicados para tratamento de malária e lúpus, verme *etc.*, mas as controvérsias estavam dentro do próprio governo federal e se estendiam para a sociedade, em narrativas plataformizadas que propagavam a falsa esperança do tratamento precoce.

Diante desse cenário de surgimento de nova doença e controvérsias sobre como enfrentá-la, este artigo tem por objetivo cartografar os afetos acerca do tratamento precoce contra a covid-19, na *timeline* discursiva do Facebook Brasil (Malini *et al.*, 2020). Em 2020, o Facebook foi a plataforma mais usada pelos brasileiros para se informar, de acordo com o Digital News Report 2020 e 2021, do Reuters Institute (Newman *et al.*, 2020, 2021). Pela primeira vez, a pesquisa mostrou que o meio *on-line*, incluindo as plataformas de mídias sociais (87%), superou a televisão (66%) na preferência dos brasileiros na busca por notícias.

Estudamos a sociologia do comportamento dos indivíduos a partir da teoria do ator-rede (Latour, 2012), que coloca em conexão atores humanos e não humanos nas redes, e a cartografia das controvérsias (Venturini, 2010). Controvérsias são situações “onde a vida coletiva se torna mais complexa: onde a maior e a mais diversa seleção de atores está envolvida; [...] onde todos estão gritando e brigando; onde conflitos crescem de maneira áspera” (Venturini, 2010, p. 262).

A pandemia da covid-19 também foi considerada uma infodemia, um “excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (Opas, 2020, p. 2). Versões conflitantes sobre como se prevenir do coronavírus e como tratar a covid-19 confundiram e geraram controvérsias. Nesse cenário, “a infodemia marca, até o momento, o apogeu da sociedade da desinformação. Trata-se de conteúdos díspares, contraditórios e confusos, intencionalmente falsos ou não, sobre a pandemia de covid-19” (Alzamora, 2021, p. 175).

Partimos de revisão teórica sobre o cenário comunicacional na sociedade da plataforma (Dijck, 2013), estudamos os afetos – o medo e a esperança (Spinoza, 2016) – e a sociedade da desinformação (Marshall, 2017). Na covid-19, a situação se agrava pela rápida propagação de conteúdo, verdadeiros ou falsos, nas plataformas de mídias sociais. Em uma pandemia, a desinformação pode afetar a saúde mental das pessoas e prejudicar a saúde humana (Opas, 2020). “A desinformação pode circular e ser absorvida muito rapidamente, mudando o comportamento das pessoas e possivelmente levando-as a correr riscos maiores” (Opas, 2020, p. 2).

Nessa ambiência, coletamos em páginas e perfis públicos, no Facebook, via CrowdTangle, as palavras “tratamento and precoce”, no período de 29 de junho a 8 de julho de 2020, e analisamos os atores e as narrativas com mais engajamento. A CrowdTangle é a ferramenta oficial do Facebook para coleta de dados. Desde julho de 2020, o Facebook abriu a CrowdTangle para pesquisadores credenciados. Bleakley (2020) explica que a CrowdTangle possibilita a coleta de imagens, textos e vídeos em perfis verificados, páginas públicas, grupos públicos e contas públicas influentes (“políticos, jornalistas, mídia e editores, celebridades, equipes esportivas, figuras públicas” *etc.*).

Esses diferentes formatos de postagens possibilitam analisar conteúdos de recirculação multiplataforma, como vídeos do YouTube ou tuítes republicados no Facebook, performando uma dinâmica transmídia. Nossa intenção não é pontuar a totalidade dos acontecimentos, mas jogar luz sobre as controvérsias a respeito do tratamento precoce, na pandemia da covid-19.

Lemos e analisamos as postagens coletadas com mais interações no período. Também analisamos os atores das postagens. Entramos manualmente no *link* de cada página e perfil para conferir como esses usuários se autodefiniam, mas também realizamos análise de conteúdo e de estrutura fora das plataformas de mídias sociais para analisar e classificar cada um. Essa abordagem foi importante para identificar ironias, por exemplo, que, numa leitura automatizada, poderiam levar a uma falsa classificação.

Por meio de observação sistemática, compreendemos como a “formação do social” sobre a pandemia da covid-19 no Brasil se estabeleceu a partir das possibilidades oferecidas pelo Facebook, por meio de uma “cartografia das narrativas na cronologia das redes” que nos ajuda a contextualizar os acontecimentos, a chamada “*timeline* discursiva” por Malini *et al.* (2020, p. 2). Também recorremos ao jornalismo como procedimento metodológico para recontextualizar os acontecimentos por meio de reportagens da imprensa tradicional.

## ESTUDOS DE PLATAFORMA

Os estudos de plataforma “capturam como a comunicação e a expressão são ativadas e restringidas por novos sistemas digitais e novas mídias”, voltados para o lucro (Plantin *et al.*, 2018, p. 293, tradução nossa). Essa abordagem leva em consideração o funcionamento ou a governança das plataformas de mídias sociais digitais (d’Andréa, 2017).

Os estudos iniciais destacaram o caráter colaborativo e comunitário da internet e influenciaram a construção das chamadas redes sociais digitais, e esses reflexos idealistas repercutem até hoje. Decerto, a autocomunicação *on-line* foi viabilizada pela popularização da internet e das redes sociais digitais, que possibilitaram o acesso às ferramentas inéditas de produção e propagação de conteúdos (Dijck, 2013).

A metáfora da rede como local colaborativo, de inteligência coletiva, se espalhou, destacando a ressignificação da sociabilidade na internet por meio de perfis em aplicativos e *sites* de relacionamento, que possibilitam interconexões mediante recursos como curtidas, comentários e compartilhamentos (d’Andréa, 2020).

Para Dijck (2013), as expectativas são “exageradas e nutriram um clima prematuro de vitória entre os idealistas da *web*” (p. 11, tradução nossa). Dijck (2013) argumenta que há a necessidade de uma história crítica sobre o avanço das mídias sociais digitais, em um panorama técnico, social, econômico e cultural, uma vez que elas transformaram as comunicações privada e pública.

Nessa virada crítica dos estudos de internet e dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, os pesquisadores chamam a atenção para o popular uso do termo *site* de rede social como sinônimo de Facebook, Instagram, YouTube, entre outros. Chamá-los de *site* de rede social digital ressalta apenas o aspecto relacional, excluindo do debate os aspectos políticos e econômicos, a questão computacional, a arquitetura e a governança dessas plataformas de conectividade *on-line* (d’Andréa, 2020).

Além disso, o termo *site* de rede social, cunhado por Boyd e Ellison (2007) e muito usado em estudos de comunicação anteriores, ao significar ferramentas sociais na internet que publicizam e influenciam as estruturas da sociabilidade, não dá mais conta da complexidade das propriedades das relações nesses espaços e das novas características adicionadas (Recuero, 2019).

Dessa forma, “defendemos aqui que, na contemporaneidade, os modos de se estabelecer vínculos na *web* não podem ser vistos fora de uma lógica de sociabilidade programada proposta pelas plataformas” (d’Andréa, 2020, p. 18).

O conceito de rede é usado como forma de conhecimento, que se multiplica e se potencializa, quando associada às estruturas computacionais (Venturini; Munk; Jacomy, 2018). Nas plataformas de mídias, “as conexões sociais se tornam mais materiais e, com isso, mais rastreáveis” (Venturini; Munk; Jacomy, 2018, p. 9). Dessa forma, segundo Venturini, Munk e Jacomy (2018), a teoria ator-rede é uma das maneiras de se analisar essa vida coletiva moldada por plataformas, medida pela análise de redes sociais e capturada em forma de dados de rede.

Nas plataformas de mídias sociais, as lógicas de conexão são amplificadas para atender aos interesses comerciais, estimulando os usuários a deixar rastros de seus gostos, de suas preferências no ambiente *on-line* (d’Andréa, 2020).

Em estudo pioneiro, Gillespie (2010) chama a atenção para a estratégia discursiva das plataformas, para enquadrar seus serviços e sua tecnologia aos âmbitos cultural, financeiro, político e regulatório de forma vantajosa. No discurso, colocam-se como meros “intermediários”, neutros, que oferecem abertura progressiva e democrática, ao facilitar o acesso a informações e serviços (Gillespie, 2010).

Como metáfora estrutural, o termo “plataforma” oferece especificidade, mas, ao mesmo tempo, flexibilidade e aciona quatro significados semânticos: computacional, arquitetônico, figurativo e político (Gillespie, 2018). No âmbito computacional, é uma infraestrutura para projetar, construir e inovar, suportando *design* e uso de aplicativos.

No âmbito arquitetônico, enfatiza a estrutura física, horizontal, que permite comunicação, moldando e regulando, ao mesmo tempo que é apropriada pelos usuários. No âmbito figurativo, deve ser analisada como base para ação. No âmbito político, a plataforma passou a designar o posicionamento, o conjunto de ideias de um candidato durante eleições.

De acordo com d’Andréa (2020, p. 21), “Gillespie (2010) contribuiu decisivamente para a constituição de um olhar analítico que considera o entrelaçamento entre os interesses comerciais, as escolhas computacionais e os posicionamentos políticos das plataformas”.

Nessa ambiência plataformizada, Facebook, Twitter, YouTube e LinkedIn tiveram uma explosão no número de usuários e no potencial de gerar lucro. A interconexão dessas plataformas resultou no surgimento de uma nova infraestrutura: um ecossistema de mídia conectiva, que transformou, em dez anos, a “comunicação em rede em uma sociabilidade moldada por plataformas, e a cultura participativa em uma cultura da conexão” (Dijck, 2013, p. 4-5, tradução nossa).

Dessa forma, as plataformas de mídias sociais digitais adentraram profundamente a vida cotidiana e alteraram as regras da sociabilidade, desde as interações informais entre as pessoas até a comunicação institucional e as rotinas de trabalho. Plataformas de mídias sociais, empresas de comunicação tradicional, usuários e instituições estão imbricados em complexa dinâmica, sustentada pela lógica de funcionamento das plataformas (Dijck; Poell, 2013). Pudemos testemunhar isso durante a pandemia da covid-19. As plataformas organizaram a vida cotidiana para o trabalho remoto, para as aulas virtuais, para o entretenimento, por exemplo. Também serviram para propagar informação e desinformação sobre a pandemia da covid-19.

Diante disso, Dijck e Poell (2013) apontam quatro elementos da lógica das mídias sociais que estão emaranhados com a mídia de massa. São eles: programabilidade, popularidade, conectividade e datificação.

Por programabilidade, entendem-se códigos, dados, algoritmos, protocolos e o agenciamento dos usuários, que podem direcionar a programabilidade por meio de sua participação, mas também podem resistir e desafiar códigos e protocolos.

Quanto à popularidade, Dijck e Poell (2013) se referem à visibilidade, gerada por meio de curtidas, *rankings* e algoritmos. Podemos afirmar que a popularidade de uma postagem afeta a *timeline* discursiva (Malini *et al*, 2020).

Dessa forma, a popularidade foi muito relevante para a pandemia da covid-19. A questão da controvérsia do tratamento precoce, por exemplo, nos mostra que, quanto mais uma postagem gera engajamento, mais ela circula, evidenciando o poderio dos algoritmos. Isso se agrava no cenário comunicacional porque vivemos na sociedade da desinformação, como considera Marshall (2017), termo proposto pelo autor após Donald Trump ser eleito presidente dos Estados Unidos em 2016. Para Marshall (2017), as notícias falsas podem ser consideradas endêmicas na sociedade da informação (Castells, 1999) e fazem parte da experiência diária de todo cidadão, indo muito além das mídias sociais digitais.

Já a conectividade permite a personalização de conteúdos, uma vez que se trata de uma formação mútua entre os atores envolvidos (plataformas, usuários, anunciantes etc.). Os três elementos descritos até aqui são baseados na datificação, última das quatro especificidades elencadas por Dijck e Poell (2013), que possibilita a criação de técnicas de previsões e análises em tempo real.

As plataformas fazem parte da vida cotidiana do brasileiro, em normalização e “aceitação onipresente das pessoas da mídia conectiva que penetra todos os aspectos da sociabilidade e da criatividade” (Dijck, 2013, p. 129, tradução nossa), performando um cotidiano midiaticizado na sociedade da plataforma.

Podemos afirmar que as plataformas são circuitos de afetos, uma vez que as sociedades, inclusive a sociedade da plataforma, são sistemas de reprodução de formas hegemônicas de vida e produzem afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida em detrimento de outras. Isso implica compreender os “modos de gestão do medo, partir de sua produção e circulação, enquanto estratégia fundamental de aquiescência à norma” (Safatle, 2016, p. 11).

## AFETOS NAS NARRATIVAS DURANTE A COVID-19

Spinoza, filósofo que viveu entre 1632 e 1677, nos trouxe importantes pensamentos sobre a afetividade humana. Neste estudo, vamos nos ater mais à esperança e ao medo, afetos muito presentes no cotidiano dos cidadãos durante a pandemia da covid-19.

Spinoza (2016) compreende afeto como ação ou, caso contrário, como paixão. Quando a mente humana tem ideias adequadas, ela age, mas, quanto mais ideias inadequadas, maior o número de paixões ao qual é subordinada. Sobre as paixões, Spinoza considera que “só estão referidas à mente enquanto ela tem algo que envolve uma negação” (2016, p. 52).

Spinoza traz a alegria, a tristeza e o desejo como afetos primários, dos quais derivam todos os outros. A alegria é uma paixão em que a “mente passa de uma perfeição menor para uma perfeição maior” (Spinoza, 2016, p. 93), amplia a força de existir, trazendo para corpo e mente excitação ou contentamento. Portanto, “a alegria é diretamente boa” (Spinoza, 2016, p. 93). Já a tristeza é diretamente má, é uma paixão em que a “mente passa a uma perfeição menor” (Spinoza, 2016, p. 93) e o corpo e a mente experimentam dor ou melancolia, diminuindo a força de existir.

Para Spinoza (2016), o medo é uma tristeza instável, que surge a partir de uma imagem duvidosa, paralisa e refreia a potência de agir. Moldado pela superstição, o medo institui a submissão de um povo e é um poderoso instrumento de dominação. Na dúvida do porvir, acredita-se em qualquer coisa – por exemplo, em remédios sem comprovação científica, por exemplo, como aconteceu na pandemia causada pelo novo coronavírus.

Já a esperança é uma alegria instável, que amplia a potência de agir. Esperança e medo são afetos opostos, mas interdependentes. Se não há dúvida, a esperança passa a ser segurança. Já o medo torna-se desespero. Spinoza (2016) acrescenta que esperança e medo são falta de conhecimento e impotência da mente, que tem incertezas sobre o porvir. Diante de uma doença nova, com carência de conhecimentos sobre a cura, a esperança e o medo tiveram terreno fértil para se propagar no primeiro ano da pandemia.

Podemos dizer então que, na pandemia da covid-19, esperança e medo foram presentes no cotidiano. No primeiro ano da covid-19, o mundo pesquisava sobre a nova doença – terreno fértil para a esperança e o medo. O tratamento precoce, formado pelos medicamentos Cloroquina, ivermectina e azitromicina, por exemplo, foi tomado como esperança. Podemos afirmar que esse *kit* foi uma das superstições desse primeiro ano e que ainda é tido como verdade para muitos. Parte dos médicos receitava o *kit* covid-19 para seus pacientes.

Para Moriceau (2020): “[...] o afeto é acima de tudo aquilo que nos é estrangeiro, misto, indeterminado, irreduzível a um sentimento ou um conceito já identificado e catalogado, e que nos invade, nos inquieta, nos move” (Moriceau, 2020, p. 92). Afetos e comunicação andam juntos, muito próximos. “Os afetos são comunicação: alguma coisa se comunica pelos afetos, alguma coisa está comunicada nos afetos. Dito de outro modo, nossa comunicação se realiza através dos afetos e sobre um fundo de afetos” (Moriceau, 2020, p. 23). São os afetos que nos conectam com o mundo, nascem do encontro com o outro e nos colocam em comunicação (Moriceau, 2021).

Nesse sentido, tecnologias mobilizam afetos, e as mídias sociais digitais possibilitam uma íntima expansão técnica dos sentidos (Clough, 2007). Dessa forma, as narrativas sobre acontecimentos em plataformas de mídias sociais ajudam a formar entendimentos sobre o assunto, a partir de diversos fragmentos que nos chegam. Para Leal (2006): “[...] narrar significa buscar e estabelecer um encadeamento e uma direção, investir o sujeito de papéis e criar personagens, indicar uma solução. As narrativas, assim, tecem a experiência vivida” (Leal, 2006, p. 20).

Narrativas são fenômenos complexos que “emergem como resultado da inter-relação das forças sociais, as mais diversas; caracterizam equacionamentos possíveis dessas forças, em pontos peculiares do fluxo histórico e social” (Leal, 2006, p. 22). Conseguem se repetir e, ao mesmo tempo, se diferenciar porque são abertas, em fluxo, se dão nas interfaces e no tensionamento entre diversas forças. Diante disso, “as narrativas apresentam-se como espaço de tensão, em que convivem coerção, resistência, consonâncias e dissonâncias” (Leal, 2006, p. 26).

Para Ricoeur (2010, p. 59), um acontecimento é sempre mediado e qualificado pela narrativa, em um eterno vir a ser, um devir (Quéré, 2005). Isso porque comunicar é bem mais que produzir e transmitir significados, é “ganhar sentido no compartilhamento de sensações, sentimentos, afetos e/ou mesmo na própria condição de estarmos juntos” (Leal, 2018, p. 27). Texto, textualidades e afetos estão imbricados e nos ajudam a dar conta da complexidade do processo comunicativo.

Nas plataformas de mídias sociais, a ideia é fazer com que os usuários da rede embarquem na narrativa e se alimentem desse ponto de vista, abraçando uma perspectiva sobre determinado acontecimento, por exemplo. Ganhar a “guerra das narrativas” nas mídias sociais digitais tem a ver com a ampla propagação da versão desejada, de que se precisa comunicar (Malini *et al.*, 2020).

A natureza efêmera da ambiência digital cria constantemente a necessidade de validação das narrativas para não cansar ou saturar sua *performance*. Para quem deseja manter uma ideologia hegemônica e controlar a narrativa, é necessário corrigir, mudar a narrativa para recuperar o controle sobre o sentido de um acontecimento (Malini *et al.*, 2020), em um eterno devir. A captura dessas variações cria uma narrativa cronológica nas redes, a chamada *timeline* discursiva (Malini *et al.*, 2020).

Analisando as postagens em plataformas de mídias sociais é possível perceber as *timelines* discursivas, ou seja, as variações discursivas no tempo, os diferentes enquadramentos temáticos de opiniões e as conversações públicas, que vão variando ao longo do tempo (Malini *et al.*, 2020). Discursos levam à ação (Arendt, 2014).

Arendt (2014) designa três atividades fundamentais da vida humana: trabalho, obra e ação. Nosso interesse está nesse terceiro item, a ação, que indica a vida ativa dos homens condicionados, habitando o mundo, e a necessária relação com o outro. Para Arendt (2014), por meio de palavras e atos, os homens aparecem para o outro, inserem-se no mundo humano. E isso é colocado pela autora como um segundo nascimento, porque não se dá por necessidade, imposição ou utilidade. A simples presença do outro, a quem queremos nos juntar, nos impulsiona, nos impele a agir.

Etimologicamente, “agir” vem da palavra grega *archein* e significa começar, conduzir e, finalmente, governar. Em latim, *agere* é imprimir movimento a alguma coisa. Arendt (2014) aponta que o sentido mais geral de agir é tomar iniciativa, iniciar – corresponde ao nascimento, como comentado. Já o discurso é a distinção, a pluralidade, é ser distinto entre os iguais.

Ação e discurso são intimamente relacionados. A ação precisa do discurso. Agindo e falando, os homens revelam quem são, mostram suas identidades pessoais únicas na teia de relações humanas existentes em todos os lugares em que vivem juntos. O discurso leva à ação. Para Arendt, o discurso é a comunicação orientada ao relacionamento e à convivência entre os homens. Na contemporaneidade, sua centralidade se equipara à dificuldade de seu estabelecimento em bases efetivas, por mais paradoxal que possa parecer.

Uma das questões é a propagação de desinformação pelas plataformas de mídias sociais, estratégia muito usada na política, ao propagar o afeto medo – inclusive, o medo do outro. A ascensão do populismo e da nova direita no Brasil, com Jair Messias Bolsonaro, em 2018, ganhou força, a partir da eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e do resultado do referendo Brexit, no Reino Unido, em 2016. O populismo tem se espalhado no mundo e se apropriou da comunicação digital, que passou a ter papel essencial nesse cenário (Da Empoli, 2019). Dessa forma, a comunicação populista se apropriou do funcionamento das plataformas de mídias sociais, que passaram a fabricar conteúdos baseados primordialmente em sua possibilidade de ganhar mais circulação e não considerar valores como verdade ou mentira ou mesmo premissas éticas. Para Da Empoli (2019), são os “engenheiros do caos”.

Para Laclau (2005), o populismo não se define por ideologia de direita ou esquerda. O populismo é colocado em prática por meio de uma liderança carismática, que emerge em contexto de insatisfação generalizada, alegando ser de fora do sistema, e líder da ruptura e da mudança, ao articular as demandas da sociedade (Laclau, 2005). Há ainda o antagonismo amigo X inimigo, alimentado nas narrativas do líder, que se coloca como representante do povo contra algum tipo de elite privilegiada, com interesses próprios, hipócrita e/ou corrupto (Laclau, 2005).

Cesarino (2019) nomeia populismo digital a experiência brasileira que tem padrões discursivos e estéticos ancorados nas plataformas de mídias, com propagação massiva e constante de conteúdos usados como tática política para produzir hegemonia. Essa estratégia ajudou Jair Messias Bolsonaro a se eleger presidente do Brasil. Eleito, passou a usar a tática de campanha como estratégia de comunicação governamental, como veremos a seguir.

## A CONTROVÉRSIA DO TRATAMENTO PRECOCE

Doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), a covid-19 teve seus primeiros casos confirmados na China, em dezembro de 2019, e rapidamente se espalhou pelo mundo. Se em 28 de janeiro de 2020 o então ministro da Saúde do Brasil, Luiz Henrique Mandetta, confirmava o primeiro caso suspeito de covid-19, em Minas Gerais (Ministério [...], 2020), três meses depois, em 28 de abril de 2020, a

pandemia já tinha se agravado e o Brasil já atingia 5.017 mortes por covid-19, superando a China (naquele momento, com 4.643 mortes oficiais por covid-19). Confrontado por repórter sobre os dados, Jair Messias Bolsonaro respondeu: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Na mesma entrevista, moderou o tom e declarou: “Lamento a situação que nós atravessamos com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que perderam seus entes queridos, que grande parte eram pessoas idosas. [sic] Mas é a vida. Amanhã vou eu. Logicamente, a gente quer ter uma morte digna e deixar uma boa história para trás” (Garcia; Gomes; Viana, 2020).

No protocolo de “Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 covid-19”, lançado pelo Ministério da Saúde, as vítimas de covid-19 deveriam ter caixão lacrado, não sendo permitida a abertura nos velórios (Brasil, 2020). Em meio à disputa de narrativa, em contexto de desinformação, familiares de vítimas da doença começaram a abrir os caixões, não confiando na causa da morte e/ou negando a gravidade da doença, o que ajudava a ampliar a quantidade de contaminados (Campos, 2020).

Em 22 de maio de 2020, a América Latina virou o novo epicentro mundial da pandemia, sendo o Brasil o país mais preocupante, segundo a OMS. Na ocasião, o Brasil já tinha mais de mil mortes diárias pela covid-19, um total de 20 mil óbitos pela doença (Pinto, 2020). Na contramão das recomendações mundiais, o Ministério da Saúde do Brasil divulgou, em 21 de maio de 2020, documento com novo protocolo, que ampliava o uso da cloroquina nos estágios iniciais da doença (REUTERS, 2020). O medicamento ainda não tinha estudos científicos que comprovassem sua eficácia contra a covid-19.

Quatro dias depois, a OMS suspendeu um “grande teste do medicamento contra a malária em pacientes com a covid-19 devido a questões de segurança” (França [...], 2020). França, Itália e Bélgica suspenderam o uso da hidroxicloroquina contra a covid-19 na mesma época. “A revista médica britânica *The Lancet* informou que os pacientes que receberam hidroxicloroquina elevaram suas taxas de mortalidade e batimentos cardíacos irregulares”, aponta reportagem da CNN (França [...], 2020).

Mesmo assim, o então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e aliados defendiam o tratamento precoce. Em meio à crise sanitária, o Brasil teve três ministros da Saúde só em 2020. Os dois primeiros, Luiz Henrique Mandetta (demitido em 16 de abril) e Nelson Teich (pediu demissão em 15 de maio) saíram por embates contra a conduta do então presidente Jair Messias Bolsonaro em relação à pandemia e ao uso de medicamentos sem comprovação científica. Foi a partir do general Eduardo Pazuello, como gestor da pasta, que a cloroquina passou a ser indicada pelo Ministério da Saúde para tratamento da covid-19, em casos leves (Cancian, 2020). As controvérsias estavam dentro do próprio governo federal e se estendiam para a sociedade, em narrativas plataformizadas que propagavam a falsa esperança do tratamento precoce.

Nessa época, eclodiram manifestações de rua a favor e contra o presidente Jair Messias Bolsonaro, em várias cidades, como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, em um hibridismo característico dos eventos fomentados na internet. Os grupos contra o presidente se autodenominavam antifascistas e diziam defender a democracia. Os grupos a favor do presidente Jair Messias Bolsonaro criticavam o Congresso e o Supremo Tribunal Federal (STF). Bolsonaro chegou a participar de várias dessas manifestações a seu favor, na capital federal, apertando a mão de manifestantes sem uso de máscara de proteção (Redação, 2020). Alguns manifestantes favoráveis ao presidente não usavam máscara, item obrigatório em Brasília, e exibiam faixas e cartazes com dizeres antidemocráticos (Ferreira; Gomes, 2020).

Além disso, em 3 de junho o Ministério da Saúde passou a reportar os dados de novos casos e mortes por covid-19 às 22 horas, em vez das 19 horas. “Acabou matéria no *Jornal Nacional*”, disse Bolsonaro, dois dias depois (Garcia, 2020), referindo-se ao telejornal da Rede Globo de maior audiência do país. O portal covid.saude.gov.br ficou fora do ar da noite de 5 de junho de 2020 à tarde do dia 6 de junho de 2020 e, quando voltou ao ar, deixou de exibir o número acumulado de casos e mortes, além das informações sobre

as internações por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), dados importantes em um país com pouca quantidade de testes. Bolsonaro tentava esconder os fatos e os dados que assolavam as famílias brasileiras, afinal, a economia não podia parar. Era uma forma de propagar o medo de perder o emprego e de convencer a população de que a esperança estava no tratamento precoce.

Em 5 de junho de 2020, Bolsonaro ameaçou tirar o Brasil da OMS. “E adianta aqui, os Estados Unidos saíram da OMS, e a gente estuda, no futuro: ou a OMS trabalha sem viés ideológico, ou vamos estar fora também. Não precisamos de ninguém de lá de fora para dar palpite na saúde aqui dentro”, declarou em entrevista (Correio Braziliense, 2020b).

Para dar transparência aos dados da covid-19, em 8 de junho de 2020 empresas de comunicação anunciaram parceria inédita. Assim, “jornalistas de G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL passaram a coletar, nas secretarias de saúde, e divulgar em conjunto números sobre mortes e contaminados, em razão das limitações impostas pelo Ministério da Saúde” (G1 *et al.*, 2020).

No período, mesmo com a OMS esclarecendo que não havia tratamento profilático para a covid-19, cresciam, no Brasil, as disputas informacionais a respeito de tratamento precoce contra a covid-19, com uso de cloroquina/hidroxicloroquina, ivermectina e azitromicina, medicamentos sem comprovação científica para esse fim (Lemos, 2020). A Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia (SBPT) divulgou nota, em 29 de junho, dizendo que “redes sociais não são textos médicos e, com frequência, transmitem informações infundadas, impulsionadas por interesses obscuros” (SBPT, 2020).

Em comunicado, a Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI) disse que “nos últimos dias, muito tem se divulgado nas redes sociais a respeito do uso de medicamentos para a covid-19. Várias destas divulgações que circulam nas mídias sociais são inadequadas, sem evidência científica e desinformam o público” (SBI, 2020).

Apesar disso, Bolsonaro defendeu o uso de cloroquina e ordenou a produção do medicamento pelo Exército, comprando insumos sem licitação, o que está sendo investigado pelo Ministério Público por suspeita de superfaturamento (Pontes, 2020). O próprio Bolsonaro contraiu covid-19 e disse, em 7 julho de 2020, que estava se tratando com hidroxicloroquina e azitromicina (Carvalho, 2020).

Tendo em vista que o incentivo ao uso de medicamentos sem comprovação científica provocou controvérsias, ele foi eleito marco discursivo para análise, com coleta das palavras “tratamento and precoce” em páginas e perfis públicos, via CrowdTangle, de 29 de junho a 8 de julho de 2020. Nosso *dataset* é formado por 1.350 nós e 20.037 arestas. O Brasil virou o país do tratamento precoce: cloroquina, ivermectina e azitromicina formaram o *kit* covid, chamado de tratamento precoce, esperança na pandemia. Na bula, indicavam-se tais fármacos para tratamento de malária e lúpus, verme etc.

Mas quais atores falavam sobre a covid-19 nesse período, no Facebook? Quais foram as narrativas com mais interações? Para responder a essas questões, filtramos os 150 *posts* que tiveram maior *performance* no *dataset* de 29 de junho a 8 de julho de 2020, por meio do Ford, *script* do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic).

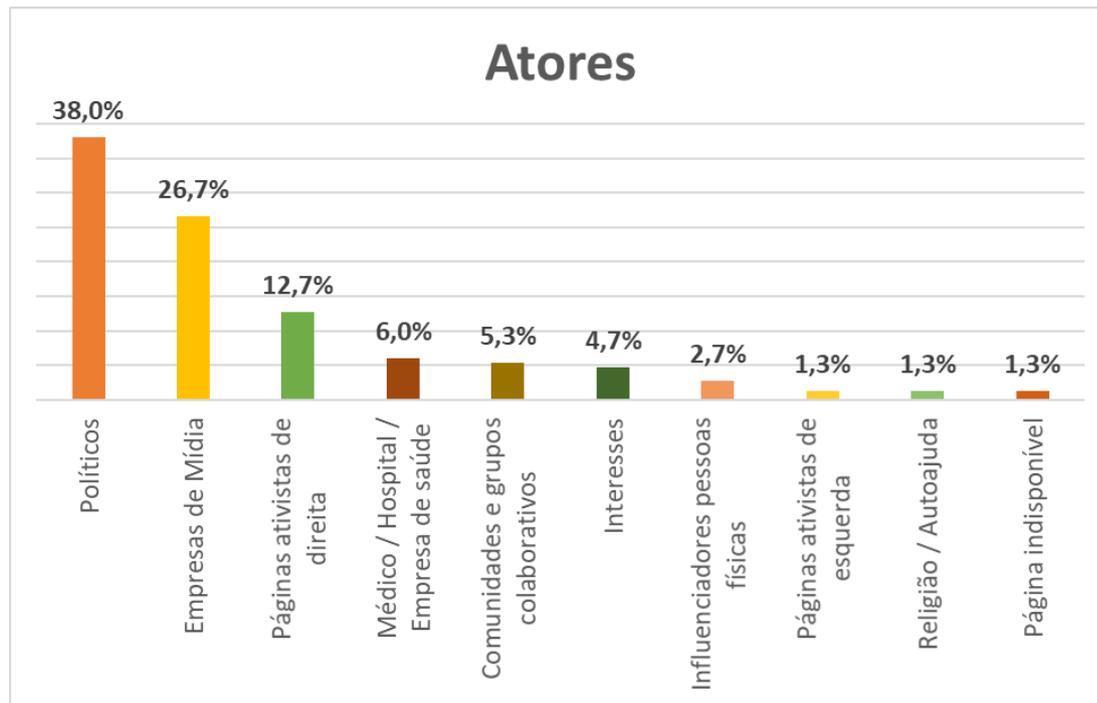


Figura 1 – Análise dos atores de junho de 2020, divididos por categoria  
Fonte: Elaborada pelos autores.

Os políticos federais, estaduais, municipais e as lideranças de partidos lideraram as narrativas do período, com 38% das interações com mais engajamento. Aqui, não separamos os prefeitos, porque as narrativas giram em torno da adoção do tratamento precoce como política pública ou preferência a dar liberdade aos médicos na tomada de decisão do tratamento, em ativismo transmídia que propagou desinformação e confundiu as pessoas. Empresas de mídia/notícia, de jornalismo regional, estão em segundo lugar no *dataset*, com 26,7% das postagens com mais interações. Outras páginas que ganham destaque são as de ativistas de direita, com 12,7%.

Mas quais eram as narrativas que circulavam nas postagens? No *dataset* de 29 de junho a 8 de julho de 2020, a controvérsia sobre o uso ou não do tratamento precoce pauta as conversas. Após filtragem e exclusão das postagens repetidas, identificamos as 150 palavras mais usadas nas postagens via *script* Ford, do Labic, que nos auxiliou na análise das narrativas.

As palavras mais usadas possibilitam o entendimento de que a temática das narrativas girava em torno do “tratamento” “precoce”, formado por azitromicina, ivermectina e hidroxicloroquina, “medicamentos” defendidos, no *dataset*, pelos políticos de direita para serem adotados como “protocolo” para salvar vidas. A controvérsia passa a ser sobre o uso desses remédios como política pública no combate à covid-19.

Para entender como esses termos se relacionavam lexicalmente no nosso *dataset* e como esses sentidos se conectavam ou se distanciavam dos arranjos textuais, elaboramos um grafo com a relação das 150 palavras mais recorrentes nas postagens, o que nos possibilita analisar as narrativas mais recorrentes sobre a covid-19 no período.

O grafo possui cinco *clusters* (agrupamentos), representados por cinco cores distintas: roxo, verde, azul, laranja e amarelo. O grafo mostra *clusters* isolados. Isso significa que os *clusters* discutiam diferentes narrativas sobre o tratamento precoce, com baixa interação entre as redes. Houve disputa de significado de termos, dessa vez sobre o tratamento precoce. Para muitos, isso denotava esperança de cura. Para outros, uma afronta à ciência, uma promessa de cura sem respaldo em estudos científicos.

A rede de palavras foi feita a partir de mineração de postagens públicas no Facebook (em português) sobre a covid-19, dos dias 29 de junho a 8 de julho de 2020.

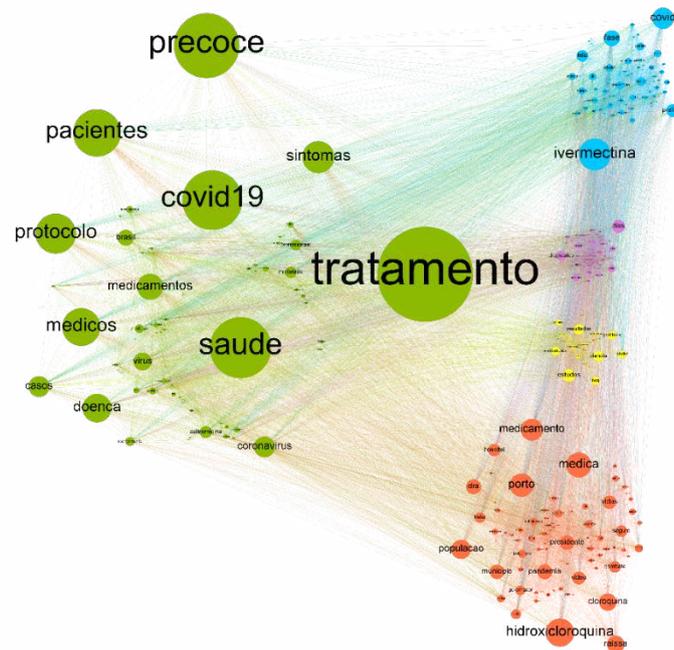


Figura 2 – Grafo geral de rede de palavras do *dataset* de junho de 2020  
Fonte: Elaborada pelos autores.

O *cluster* de cor roxa (36,58%) é o universo mais denso no período analisado, com maior quantidade de conexões (arestas) e pontos (nós), com mais conversações geradas. São narrativas sobre a necessidade de “diagnóstico” e “exames” para vários tipos de doenças, como “câncer”, “cancro”, por exemplo. Com a pandemia da covid-19, as pessoas deixaram de ir a médicos por medo da contaminação. “Consultas, diagnósticos, exames iniciais e tratamentos para doenças onco-hematológicas não podem ser postergados” (IBCC Oncologia, 2020). A postagem de hospital oncológico alertava que “várias instituições médicas [...] reiteram com veemência a importância da manutenção das quimioterapias, cirurgias, radioterapias, dentre outros procedimentos, para o paciente onco-hematológico” (IBCC Oncologia, 2020)

Nessa época, o vermífugo Annita, à base de nitazoxanida, uma das palavras de destaque do grafo, começou a ser testado para o combate à covid-19. O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Marcos Pontes, começou pesquisa e convocou voluntários para o estudo “Efeitos do uso precoce da nitazoxanida em pacientes com covid-19”, aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep).

“Pessoas maiores de idade com pelo menos um sintoma característico do novo coronavírus, tais como febre, tosse seca e fraqueza, podem se voluntariar à mobilização #500VoluntáriosJá” (Guti, 2020), dizia postagem do prefeito de Guarulhos, Guti, acompanhado de vídeo junto ao então ministro da pasta, Marcos Pontes, em 4 de julho de 2020. Novamente, a esperança de cura levou muitos às farmácias.

Dicas caseiras para “prevenir” e “combater” infecções também fazem parte do *cluster* roxo, como as narrativas sobre os benefícios do alho, que apresenta “propriedades antivirais e bactericidas” (Saúde Logo Ali, 2020). Como disse Spinoza (2016), diante do medo, as pessoas se agarram a crenças, seja em remédios sem comprovação científica para os fins utilizados, seja nas receitas caseiras em busca de aumento da imunidade.

No grafo a seguir, podemos observar as palavras que se destacam no *cluster*, por se repetirem mais vezes: “direitos”, “pele”, “vida”, “dias”, “câncer”, “mundo”, “frequência”, “alho”, “julho”, “melhor”, “doenças”, “proteção”, “ação”, “corpo”, “testículo”, “importância”, “combater”, “perda”, “pessoa”, “cabeça”, “pesquisa”, “detecção”, “cebola”, “acesse”, “material”, “cru”, “suco”, “tomar”, “Alves”, “ar”, “estômago”, “mulheres”, “especialmente”, “procure”, “distribuição”, “Deus”, “dentes”, “expectorante”, “receita”, “pressão”, “alta”, “tiver”, “milhares”, “social”, “água”, “fundamental”, “online”, “compartilha”, “sinusite”, “asma”, “nitazoxanida”.

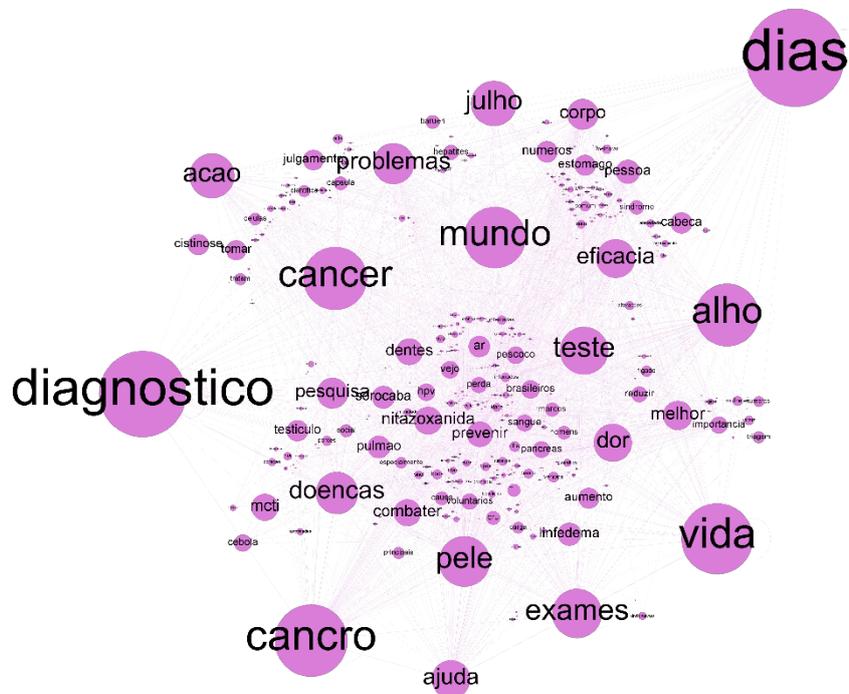


Figura 3 – Grafo de rede de palavras do *cluster* roxo, do *dataset* de junho de 2020  
Fonte: Elaborada pelos autores.

No *cluster* verde (21,32%), há mais repetição das mesmas palavras, e isso o faz ter as palavras (nós) de maior destaque entre os grafos. Elas remetem ao “tratamento”, “precoce”, contra a covid-19, para pacientes cuidarem da saúde, com “medicamentos” prescritos por “profissionais”, como observamos na Figura 4.



A postagem teve 13 mil reações, 1,7 mil comentários e 4 mil compartilhamentos e traz arte com a imagem de uma caixa do remédio. Importante informar que o link da postagem, que consta nas referências do nosso trabalho, está atualmente indisponível. Pode ter sido excluído ou o conteúdo foi restrito pelo dono a pequeno grupo de pessoas, segundo informações do próprio Facebook.

A maioria dos comentários parabeniza o senador, outros dizem que os medicamentos não chegaram ao Espírito Santo e cobram soluções para melhor distribuição. Há, ainda, relatos de pessoas que se dizem curadas da covid-19 pelos medicamentos do tratamento precoce porque não se pode deixar o pulmão inflamar.

A corrida pela cloroquina, no entanto, fez acabar o remédio das farmácias, e os pacientes de lúpus, que tomavam o remédio regularmente, não conseguiam achar a medicação, fato alertado em comentário por uma mulher na postagem do senador: “Infelizmente muita gente que usa hidroxicloroquina no tratamento contra o lúpus não consegue comprar, eu mesma estou já há 2 meses sem tomar porque a receita que eu tinha não era de controle especial e por conta de tudo isso não consigo marcar consulta pra pegar a receita.” (Mulher, 6 jul. 2020)

A postagem também teve controvérsias, com comentários destacando a ineficácia dos medicamentos, o desperdício de dinheiro público em remédios sem comprovação científica para covid-19 e o alerta que outros países do mundo já tinham suspenso o uso dos referidos medicamentos para o combate à covid-19.

Um vídeo da dupla sertaneja Bruno e Marrone foi publicado pelo deputado federal de Mato Grosso, José Medeiros. O vídeo é acompanhado do seguinte texto: “São inúmeros os testemunhos de vidas salvas com o tratamento precoce da covid-19, utilizando-se de protocolo que inclui cloroquina... O cantor Marrone é mais um curado! #BolsonaroTemRazão.” O vídeo tem 21 segundos e a dupla conversa:

Bruno: – Que remédio você tomou para se curar?  
Marrone: – Cloroquina.  
Bruno: – Então, o Bolsonaro estava correto?  
Marrone: – Corretíssimo. (José Medeiros, 2020)

A falsa esperança no tratamento precoce imperou no período estudado e foi difundida por políticos, artistas, médicos e pequenas empresas de mídia.

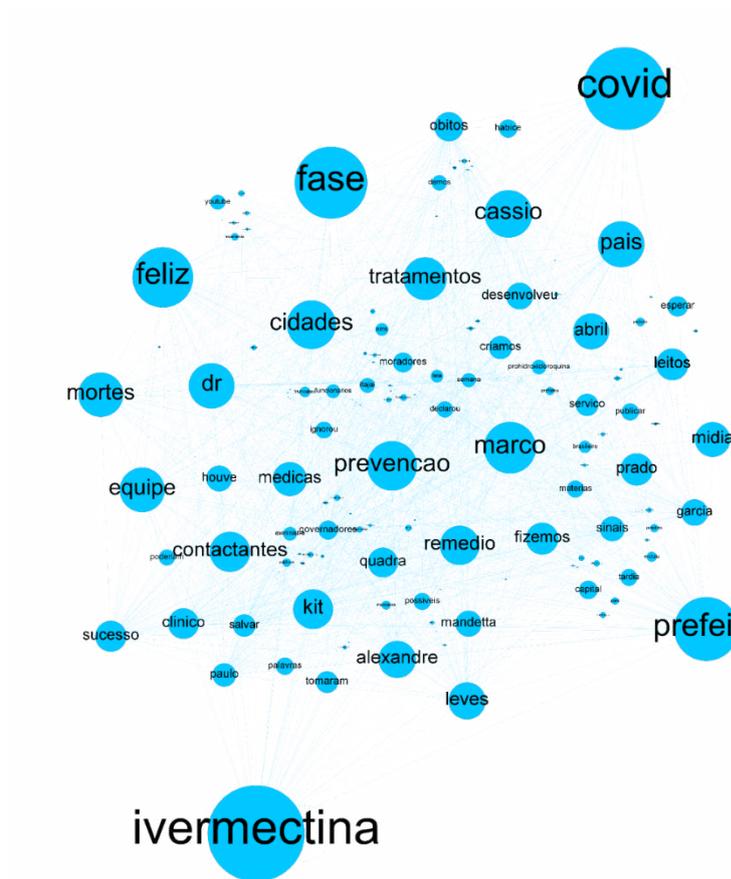


Figura 5 – Grafo de rede de palavras do *cluster azul*, do *dataset* de junho de 2020  
Fonte: Elaborada pelos autores.

Já o *cluster azul*, como observado na Figura 5, representa 20,12% das interações do *dataset* de junho. Ele traz a defesa do tratamento de prevenção da covid, capaz de liberar leitos e evitar mortes.

O médico e prefeito de Porto Feliz (SP), Dr. Cássio, se destaca no *dataset* por causa de *lives* que promovia em defesa do protocolo do tratamento precoce. Outro defensor é o jornalista Alexandre Garcia. “Tratamento precoce tem um novo aliado: Alexandre Garcia. Mais de um milhão de views na versão completa. Todos precisam assistir”, diz postagem de uma página de ativistas de direita (Naomi Yamaguchi Pensa, 2020). As controvérsias novamente confundiam a população, uma vez que médicos, fontes tradicionais do jornalismo, com autoridade no assunto de saúde, não entraram em consenso, defendendo diferentes caminhos.

A postagem de maior interação no *dataset* foi publicada em 4 de julho de 2020 e é um comentário do Delegado Francischini, deputado estadual pelo Paraná, sobre uma coluna do UOL publicada pouco mais de um mês antes, em 1 de junho de 2020. A postagem do delegado teve 20 mil reações, 1,2 mil comentários e 73 mil compartilhamentos e traz o seguinte texto:

A médica Nise Yamaguchi conta que diversos convênios médicos que adotaram a estratégia de tratamento precoce hidroxicloroquina, azitromicina e zinco têm os seus Centros de Terapia Intensiva se esvaziando e dando espaço para que cirurgias de doenças importantes também possam ser realizadas em meio à pandemia. Para ela, criou-se uma espécie de pandemia do medo em torno da cloroquina, expondo pacientes a um sofrimento desnecessário. (Delegado Francischini, 4 jul. 2020)

O material também traz *link* da coluna de Diogo Schelp, do UOL, com a defesa da médica imunologista e oncologista Nise Yamaguchi às críticas recebidas pelo infectologista e epidemiologista Carlos Magno Fortaleza, publicadas anteriormente no mesmo espaço. O título resume o pensamento da médica:



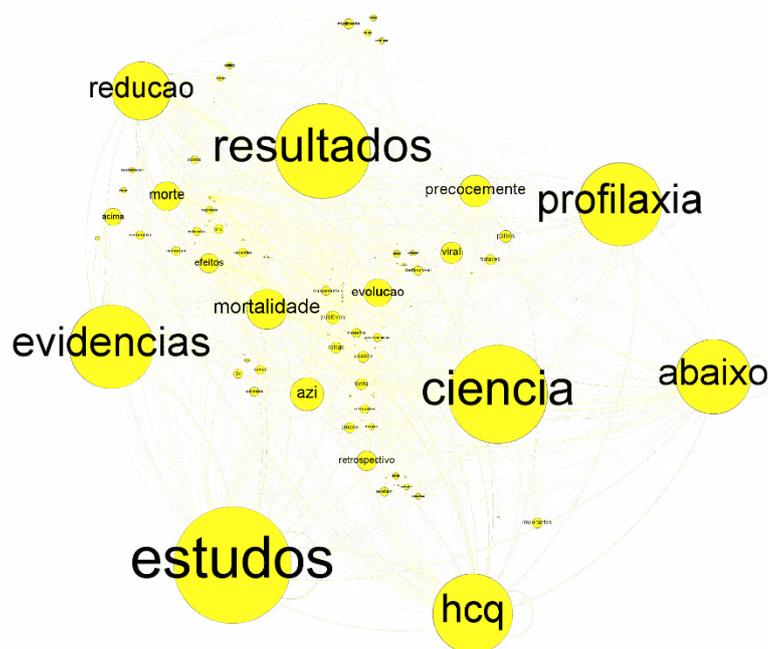


Figura 7 – Grafo de rede de palavras do *cluster* amarelo, do *dataset* de junho de 2020  
Fonte: Elaborada pelos autores.

As narrativas defendem que “acabou o discurso de que não existe evidência para hidroxicloroquina”. Em 4 de julho de 2020, um *post* de Rodinei Candeia, vereador de Passo Fundo (RS) e procurador do Estado do Rio Grande do Sul, diz que: “Já são 49 estudos (29 revisados) cujo total revelam resultados ‘muito positivos’ usando a HCQ como profilaxia pré e pós-exposição e principalmente no tratamento precoce” (Candeia, 2020). O texto segue dizendo que “a ciência diz que tratar precocemente é a chave para acabar com hospitalizações e morte”, listando os estudos, com link. Ele finaliza questionando: “A turma das ‘evidências’ vai continuar a negar o óbvio ou [eles] vão assumir que a negativa tem cunho político?” (Candeia, 2020).

O médico e pesquisador francês Didier Raoult é o autor do estudo publicado em março de 2020 que deu início à defesa do uso da medicação contra covid-19. Ele ficou mundialmente conhecido como Doutor Cloroquina, entretanto cientistas do mundo todo chamavam a atenção para falhas graves no estudo e contestavam seus resultados.

Muitos médicos e políticos abraçaram a desinformação e propagaram falsas esperanças de cura pelas plataformas de mídias sociais. O tratamento precoce como cura foi o mais propagado no período estudado, o que confundiu a população e dificultou o combate à doença.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da covid-19 no Brasil foi repleta de disputas narrativas que confundiram e dificultaram o combate à doença. Diante do medo do vírus desconhecido, muitas pessoas se agarraram às superstições, ao negacionismo e à falsa esperança do tratamento precoce.

Por isso, este artigo teve por objetivo cartografar os afetos acerca do tratamento precoce contra a covid-19, na *timeline* discursiva (Malini *et al.*, 2020) no Facebook Brasil. Partimos de revisão bibliográfica e, empiricamente, coletamos em páginas e perfis públicos, do Facebook, via CrowdTangle, as palavras “tratamento and precoce”, no período de 29 de junho a 8 de julho de 2020, e analisamos os atores e as narrativas com mais engajamento.

Em junho de 2020, mesmo com a OMS esclarecendo não existir tratamento profilático para a covid-19, a *timeline* discursiva (Malini *et al.*, 2020) se deslocou para a falsa esperança do tratamento precoce, formado por cloroquina, ivermectina e azitromicina. Os políticos (38%) e as empresas de mídia (26,7%) de circulação mais regional são os principais atores do período e as narrativas giram em torno da adoção do tratamento precoce como política pública e da liberdade que os médicos deveriam ter na tomada de decisão do tratamento. Dessa forma, o termo “tratamento precoce” esteve em disputa e denotava esperança para muitos, por medo do contágio. Para quem seguia as orientações da OMS, representou uma falsa promessa de cura, sem respaldo em estudos científicos.

Como dissemos, o discurso leva à ação (Arendt, 2014) e as narrativas que defendiam o tratamento precoce, sem eficácia contra a covid-19, levaram milhares de pessoas a usar medicamentos sem necessidade. Muitos médicos e políticos abraçaram a desinformação e propagaram falsas esperanças de cura pelas plataformas de mídias sociais, difundindo o medo de perder o emprego, de a economia parar. O tratamento precoce como esperança de cura foi o mais propagado na *timeline* discursiva, confundindo a população e dificultando o combate à doença.

## REFERÊNCIAS

- ALZAMORA, Geane. Fixação de crenças em torno de desinformação no contexto da infodemia. In: VICTOR, Cilene; SOUSA, Cidival Morais (org). **A pandemia na sociedade de risco: perspectivas da comunicação**. Campina Grande: EDUEPB, 2021. p. 165-179. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vpqnw>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 12. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- BLEAKLEY, Will. Learn more about CrowdTangle. **CrowdTangle**, Menle Park, 2020. Disponível em: <https://help.crowdtangle.com/en/articles/4201940-about-us>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social network sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, Oxford, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>. Disponível em: <https://academic.oup.com/jcmc/article/13/1/210/4583062>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 Covid-19**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19/view>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- CAMPOS, Luiz Henrique. Covid-19: família abre caixão em velório e cinco pessoas se contaminam. **Estado de Minas**, [s. l.], 13 maio 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/05/13/interna\\_nacional,1146952/covid-19-familia-abre-caixao-em-velorio-e-cinco-pessoas-se-contaminam.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/05/13/interna_nacional,1146952/covid-19-familia-abre-caixao-em-velorio-e-cinco-pessoas-se-contaminam.shtml). Acesso em: 15 jun. 2024.
- CANCIAN, Natália. Três ministros da Saúde e uma pandemia: o ano em que ficamos doentes. **Folha de S.Paulo**, Brasília, DF, 31 dez. 2020. Brasília, DF. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/12/tres-ministros-da-saude-e-uma-pandemia-o-ano-em-que-ficamos-doentes.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- CANDEIA, Rodinei. Acabou o discurso de que não existe evidência para hidroxiclороquina. Passo Fundo, 4 jul. 2020. Facebook: Rodinei Candéia @rodineicandéia. Disponível em: <https://www.facebook.com/271901299955863/posts/900929900386330>. Acesso em: 2 ago. 2022.
- CARVALHO, Priscila. Remédios que Bolsonaro tomou contra covid-19 não têm eficácia comprovada. **UOL**, São Paulo, 7 jul. 2020. Viva Bem. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/07/07/bolsonaro-tomou-hidroxiclороquina-e-azitromicina-drogas-nao-tem-evidencias.htm>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CESARINO, Letícia. On digital populism in Brazil. **Political and Legal Anthropology Review**, St. Louis, 15 abr. 2019. Disponível em: <https://polarjournal.org/2019/04/15/on-jair-bolsonaros-digital-populism/>. Acesso em: 18 set. 2019.

CLOUGH, Patricia Ticineto. Introduction. In: CLOUGH, Patricia Ticineto; HALLEY, Jean. (ed.). **The affective turn: theorizing the social**. Durham; Londres: Duke University Press, 2007. p. 1-33. Disponível em: [https://elearning.unito.it/dottorato/pluginfile.php/3874/mod\\_resource/content/2/The%20affective%20turn%20%20theorizing%20the%20social-Duke%20University%20Press%20%282007%29.pdf](https://elearning.unito.it/dottorato/pluginfile.php/3874/mod_resource/content/2/The%20affective%20turn%20%20theorizing%20the%20social-Duke%20University%20Press%20%282007%29.pdf). Acesso em: 15 jun. 2024.

CORREIO BRAZILIENSE. Covid-19 se agrava na América Latina e Bolsonaro ameaça tirar Brasil da ONU. **Correio Braziliense**, 6 jun. 2020b. Mundo. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/06/06/interna\\_mundo,861652/covid-19-se-agrava-na-america-latina-e-bolsonaro-ameaca-tirar-brasil-d.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/06/06/interna_mundo,861652/covid-19-se-agrava-na-america-latina-e-bolsonaro-ameaca-tirar-brasil-d.shtml). Acesso em: 13 jun. 2020.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas on-line: conceitos e métodos**. Salvador: EdUfba, 2020. (Coleção Cibercultura).

D'ANDRÉA, Carlos. Rumo a uma plataformização do social. **Letras**, Belo Horizonte, n. 53, jun. 2017, p. 17. Disponível em: <http://letras.cidadescriativas.org.br/wp-content/uploads/2018/12/Letras-53-PREVIA01.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

DIJCK, José van. **The culture of connectivity: a critical history of social media**. New York: Oxford University Press, 2013.

DIJCK, José van; POELL, Thomas. Understanding social media logic. **Media and Communication**, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 2-14, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.12924/mac2013.01010002>. Disponível em: <https://www.librelloph.com/ojs/index.php/mediaandcommunication/article/view/37>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FERREIRA, Afonso; GOMES, Pedro Henrique. Grupos contra e a favor de Bolsonaro fazem atos em Brasília. **G1**, [s. l.], 21 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/06/21/grupos-contra-e-a-favor-de-bolsonaro-fazem-atos-em-brasilia.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FRANÇA proíbe uso da cloroquina no tratamento da covid-19. **CNN**, [s. l.], 27 maio 2020. Saúde. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/franca-proibe-uso-da-cloroquina-no-tratamento-da-Covid-19/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

G1 *et al.* Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de covid-19. **G1**, [s. l.], Política, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 8 jun. 2020.

GARCIA, Gustavo. “Acabou matéria do Jornal Nacional”, diz Bolsonaro sobre atrasos na divulgação de mortos por coronavírus. **G1**, Brasília, DF, 5 jun. 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2024.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA, Hamanda. “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; “Sou Messias, mas não faço milagre”. **G1**, Brasília, DF, 28 abr. 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2020.

GILLESPIE, Tarleton. **Custodians of the internet: platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media**. New Haven: Yale University Press, 2018.

GILLESPIE, Tarleton. The politics of “platforms”. **New Media & Society**, Thousand Oaks, v. 12, n. 3, p. 347-364, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444809342738>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444809342738>. Acesso em: 15 jun. 2024.

GUTI. Pessoas maiores de idade com pelo menos um sintoma característico do novo coronavírus, tais como febre, tosse seca e fraqueza, podem se voluntariar à mobilização #500VoluntáriosJá. Guarulhos, 4 jul, 2020. Facebook: Gutí @gutí. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=575792406443719>. Acesso em: 2 julho 2022.

IBCC ONCOLOGIA. Tratamentos. São Paulo, 8 jul, 2020. Facebook: IBCC Oncologia @ibcconcologia. Disponível em: <https://www.facebook.com/240264769421125/posts/3032307280216846>. Acesso em: 2 jul. 2022.

LACLAU, Ernesto. **On populist reason**. Londres: Verso, 2005.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EdUfba, 2012.

LEAL, Bruno. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (org). **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2018. p. 17-34. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2023/06/Textualidades-midiaticas-Selo-PPGCOM-UFMG.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera. (orgs.). **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 19-27.

LEMONS, Vinícius. A polêmica sobre o tratamento precoce para a covid-19, criticado por entidades médicas. **BBC News Brasil**, São Paulo, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53303287>. Acesso em: 14 set. 2022.

MALINI, Fábio *et al.* Medo, infodemia e desinformação: a *timeline* dos discursos sobre coronavírus nas redes sociais. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, p. e66593, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/revufg.v20.66593>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/66593/36153>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MARCOS DO VAL. Tratamento precoce salva vidas! 6 jul, 2020. Facebook: Senador Marcos Val @senadormarcosval. Disponível em: <https://www.facebook.com/360331564101406/posts/2152619691539242>. Acesso em: 9 jul. 2022.

MARSHALL, Jonathan Paul. Disinformation society, communication and cosmopolitan democracy. **Cosmopolitan Civil Societies Journal**, Sydney, v. 9, n. 2, p. 1-24, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5130/ccs.v9i2.5477>. Disponível em: <https://epress.lib.uts.edu.au/journals/index.php/mcs/article/view/5477>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MARTINS, Humberto. **Bolsonaro defendendo cloroquina é comparado com o filme Rei Leão**. Correio Brasiliense, 20 jul. 2020. Disponível em: [https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/20/interna\\_politica.873615/bolsonaro-exibindo-cloroquina-e-comparado-com-cena-do-filme-rei-leao.shtml](https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/20/interna_politica.873615/bolsonaro-exibindo-cloroquina-e-comparado-com-cena-do-filme-rei-leao.shtml). Acesso em: 15 jun. 2024.

MEDEIROS, José. São inúmeros os testemunhos de vidas salvas com o tratamento precoce da COVID-19. 5 jul, 2020. Facebook: José Medeiros @josemedeiros. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=586969005343848>. Acesso em: 9 jul. 2022.

MINISTÉRIO da Saúde confirma caso suspeito de coronavírus em MG e eleva nível de alerta para iminente. **CBN**, [São Paulo], 28 jan. 2020. Bem-estar & Saúde. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/289444/ministerio-da-saude-confirma-caso-suspeito-de-coro.htm>. Acesso em: 5 ago. 2022.

MORICEAU, Jean-Luc. **Afetos na pesquisa acadêmica**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2020. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2023/06/Afetos-na-Pesquisa-Academica-1-1.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2024.

MORICEAU, Jean-Luc. Escritura e afetos. In: PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. (orgs.). **Afetos**: teses e argumentos. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2021. p. 17-32. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Afetos-Teses-e-argumentos-Selo-PPGCOM-UFMG.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2024.

NAOMI YAMAGUCHI PENSA. Tratamento Precoce tem um novo aliado: Alexandre Garcia. 30 jun. 2020. Facebook: Naomi Yamaguchi Pensa @naomiyamaguchipensa. Disponível em: <https://www.facebook.com/147321592615657/posts/567190853962060>. Acesso em: 9 jul. 2022.

NEWMAN, Nic *et al.* **Digital News Report 2020**. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2020. Disponível em: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR\\_2020\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf). Acesso em: 2 jun. 2021.

NEWMAN, Nic *et al.* **Digital News Report 2021**. 10. ed. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2020. Disponível em: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2021-06/Digital\\_News\\_Report\\_2021\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2021-06/Digital_News_Report_2021_FINAL.pdf). Acesso em: 2 jun. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Fichas informativas covid-19: entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19.** Brasília, DF: OPAS, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/documents/understanding-infodemic-and-misinformation-fight-against-Covid-19>. Acesso em: 15 jun. 2024.

PINTO, Ana Estela de Sousa. América Latina é o epicentro da pandemia, e o Brasil é o país mais preocupante, diz OMS. **Folha de S.Paulo**, Bruxelas, 22 maio 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2020/05/america-latina-e-o-epicentro-da-pandemia-e-brasil-e-pais-mais-preocupante-diz-oms.shtml?origin=folha>. Acesso em: 13 jun. 2020.

PLANTIN, Jean-Christophe *et al.* Infrastructure studies meet platform studies in the age of Google and Facebook. **New Media & Society**, Thousand Oaks, v. 20, n. 1, p. 293- 310, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444816661553>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444816661553>. Acesso em: 15 jun. 2024.

PONTES, Nádia. Produção de cloroquina coloca Bolsonaro na mira da Justiça. **DW**, São Paulo, 3 ago. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/produ%C3%A7%C3%A3o-de-cloroquina-coloca-bolsonaro-na-mira-da-justi%C3%A7a/a-54413561>. Acesso em: 14 nov. 2024.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6., p. 59-75, 2005.

REDAÇÃO. Brasil tem manifestações a favor e contra Bolsonaro no Rio, SP e Brasília. **Veja**, [s. l.], 31 maio 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/brasil-tem-manifestacoes-a-favor-e-contra-bolsonaro-no-rio-sp-e-brasilia/>. Acesso em: 3 set. 2020.

RECUERO, Raquel. Mídia social, plataforma digital, *site* de rede social ou rede social? Não é tudo a mesma coisa? **Medium**, [Brasil], 9 jul. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@raquelrecuero/m%C3%ADdia-social-plataforma-digital-site-derede-social-ou-rede-social-n%C3%A3o-%C3%A9-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec>. Acesso em: 10 abr. 2021.

REUTERS. Ministério da Saúde divulga protocolo da cloroquina com assinatura de secretários. **Extra**, Brasília, DF, 21 maio 2020. Economia e Finanças. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/economia/ministerio-da-saude-divulga-protocolo-da-cloroquina-com-assinatura-de-secretarios-24438850.html>. Acesso em: 13 jun. 2020.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. Tomo 1.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.** 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SAÚDE LOGO ALI. Benefícios do Alho para a Saúde. 7 jul, 2020. Facebook Saúde Logo Ali @saudelogoali. Disponível em: <https://www.facebook.com/1533694503369629/posts/4076259215779799>. Acesso em: 2 jul. 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE INFECTOLOGIA (SBI). **Informe da Sociedade Brasileira de Infectologia sobre o novo coronavírus n. 15: uso de medicamentos para covid-19.** São Paulo, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://infectologia.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Informe-15-uso-de-medicamentos-para-covid-19.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PNEUMOLOGIA E TISIOLOGIA (SBPT). **Posicionamento da SBPT acerca da profilaxia e tratamento da covid-19.** Brasília, DF, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://sbpt.org.br/portal/sbpt-profilaxia-tratamento-covid-19/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

SCHHELP, Diogo. Convênios que adotaram cloroquina esvaziaram seus CTIs, diz Nise Yamaguchi. **UOL**, [s. l.], 1 jun. 2020. Disponível em: [https://noticias.uol.com.br/colunas/diogo-schelp/2020/06/01/convenios-que-adotaram-cloroquina-esvaziaram-seus-ctis-diz-nise-yamaguchi.htm?fbclid=IwAR2g3-cWgreq7pf6u2C1VXC11GB8zW7\\_Y11nqeDmznt3oPCba-9p0emqNM](https://noticias.uol.com.br/colunas/diogo-schelp/2020/06/01/convenios-que-adotaram-cloroquina-esvaziaram-seus-ctis-diz-nise-yamaguchi.htm?fbclid=IwAR2g3-cWgreq7pf6u2C1VXC11GB8zW7_Y11nqeDmznt3oPCba-9p0emqNM). Acesso em: 9 jul. 2022.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** 2. ed. 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science**, London, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/0963662509102694>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0963662509102694>. Acesso em: 15 jun. 2024.

VENTURINI, Tommaso; MUNK, Anders; JACOMY, Mathieu. Ator-rede *versus* análise de redes *versus* redes digitais: falamos das mesmas redes? Tradução: Tiago Barcelos Pereira Salgado e Leonardo Melgaço. **Galáxia**, São Paulo, n. 38, p. 5-27, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/36645/25694>. Acesso em: 15 jun. 2024.